

35º Encontro Anual da Anpocs

GT30 - Relações raciais: desigualdades, identidades e políticas
públicas

Inclusão social e rendimento escolar: o caso da UFBA

Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (USP)

Lilia Carolina Costa (UFBA)

Naomar de Almeida Filho (UFBA)

Caxambu, MG, outubro de 2011

Inclusão social e rendimento escolar na Universidade: o caso da UFBA

Antonio Sérgio Alfredo Guimarães (USP)

Lilia Carolina Costa (UFBA)

Naomar de Almeida Filho (UFBA)

Resumo:

Desde 2004, a Universidade Federal da Bahia tem implantado diferentes políticas com a finalidade de democratizar o acesso universitário na Bahia, incorporando novas camadas sociais. Cotas para estudantes negros oriundos de escolas públicas, criação de cursos noturnos, implantação de campi universitários no interior do estado, criação de bacharelados interdisciplinares de menor duração, são todas medidas que visam esse mesmo fim. No texto, apresentaremos por meio de análises descritivas e modelos de regressão logística uma avaliação comparada dessas políticas, explorando características demográficas e socioeconômicas dos candidatos, dos matriculados, e seu rendimento escolar no período 2003 a 2008. O desempenho relativo, ainda que não o rendimento absoluto, dos cotistas foi em média semelhante àqueles que não necessitaram de um regime diferenciado de ingresso. Alunos beneficiados por cotas demoram mais para se graduar, porém apresentam menor taxa de evasão que os não-cotistas.

Introdução

A educação superior brasileira, desde seus primórdios históricos em 1808, com a abertura de escolas médicas em Salvador e no Rio de Janeiro, autorizadas pelo Príncipe Regente D. João, tem se caracterizado por altíssimo grau de elitismo, discriminação social e segmentação profissional. Mesmo depois da abolição da escravatura e da proclamação da República, no final do século XIX, faculdades promoviam formação vocacional nas chamadas profissões imperiais (Medicina, Direito e Engenharia) e correlatas, restrita a um pequeno número de estudantes recrutados entre as famílias da classe dominante (Teixeira 2005). A organização de universidades a partir da década de 1930, principalmente a partir da agregação não-orgânica de escolas isoladas, não modificou esta situação.

Após o golpe militar de 1964, num contexto de urbanização acelerada e desenvolvimento econômico induzido, ocorreu expressivo aumento da demanda por educação. O caráter concentrador de renda, o perfil produtivo e as demandas de força de trabalho desse modelo de desenvolvimento pressionaram o sistema de ensino superior a ampliar oferta de vagas e a diversificar as modalidades de formação profissional (Cunha 2007). A reforma

universitária de 1968, efeito do acordo MEC-USAID, redefiniu um modelo de educação superior para o Brasil, com base num sistema de pós-graduação articulado a políticas de fomento à pesquisa científica e tecnológica. No que diz respeito à inclusão social, o formato bonapartista de organização da graduação foi preservado, reforçado por processos seletivos extremamente competitivos para as carreiras profissionais de maior prestígio social.

Nas décadas de 1980 e 1990, face à continuada pressão social por mais educação superior, políticas governamentais de desregulamentação e fomento financeiro permitiu rápida e massiva ampliação de vagas no setor privado de ensino. Essa política de educação superior aprofundou mais ainda o grau de elitização e exclusão social da educação superior, particularmente em cursos e instituições com maior procura, dada a virtual estagnação e desinvestimento das universidades públicas brasileiras.

A situação começa a mudar a partir de 2003, mediante dois movimentos complementares: por um lado, no plano interno, algumas instituições implantaram programas de ações afirmativas, incluindo bônus ou regime de cotas para estudantes pobres e/ou negros; por outro lado, por iniciativa do governo federal, implantou-se um programa de expansão de vagas com interiorização, culminando com o programa denominado REUNI, proposto com o objetivo de fomentar crescimento e interiorização da rede federal de ensino superior. Nesse contexto, mais de 70 instituições públicas de ensino superior implantaram diferentes modalidades de programas de ações afirmativas (Machado e Silva 2010) e o volume total de matrículas nas universidades federais aumentou mais de 90% (Andifes 2010).

A presente comunicação analisa o aspecto talvez mais polêmico desse expressivo processo de ampliação, a questão do desempenho acadêmico de estudantes que ingressaram na instituição universitária beneficiando-se de dispositivos de inclusão social induzida. Focalizando um dos casos mais emblemáticos desse processo, apresentaremos dados relativos à massiva expansão de vagas, com rápida e profunda mudança do perfil étnico-social do alunado, experimentada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), entre 2002 e 2008.

Estudo de Caso: UFBA

A Universidade Federal da Bahia (UFBA) remonta a 1808, quando foi criado o colégio médico-cirúrgico, raiz da Faculdade de Medicina, a primeira do Brasil. Em 1946, reunindo

escolas isoladas pré-existentes, como Direito (1891), Escola Politécnica (1896) e Filosofia, Ciências e Letras (1941), foi instituída como Universidade da Bahia. Nos seus primeiros vinte anos de funcionamento, a UFBA admitiu cerca de 2.500 novos alunos a cada ano; nas últimas décadas do século XX, passa a admitir pouco mais de 3.000 por ano. Foi, portanto, durante todo este tempo, uma universidade de elite. Elite nacional, quando a Bahia era uma das principais províncias do Império; elite regional, quando declinou a importância do Estado na federação brasileira. A partir de 2002, entretanto, a UFBA conheceu rápida expansão, com a criação de novos cursos; nova forma de recrutamento, com a introdução de cotas para estudantes negros egressos da escola pública (2004); interiorização, com novos campi no interior do Estado (2007); e a introdução de cursos de Bacharelado Interdisciplinar (2008) num programa conhecido como Universidade Nova (Almeida Filho, N et al. 2010). Com os números apresentados (ver Gráfico 1), fica evidente o esforço de inclusão social feito pela UFBA neste século, através de três mecanismos: 1) reserva de vagas para alunos da escola pública, auto-definidos como pretos e pardos; 2) criação de cursos noturnos; 3) interiorização de campi; 3) criação de cursos multidisciplinares de três anos de duração, com alunos selecionados a partir do ENEM (exame nacional do ensino médio).

Posto que as duas últimas experiências são ainda muito recentes para o tipo de avaliação estatística que iremos fazer, focada principalmente no rendimento e na permanência escolar, nesta comunicação, nosso intuito é completar avaliação anterior (Guimarães et al. 2011) da experiência de inclusão social a partir da implantação de reserva de vagas, ou cotas, cujos beneficiários, selecionados em 2005, começam a se graduar somente a partir de 2008.

Continuando essa linha de pesquisa, trabalharemos apenas com informações relativas a estudantes matriculados nos cursos existentes em 2005, no campus de Salvador. Interessa-nos primordialmente saber se a nova política de recrutamento, que reserva 45% das vagas para negros oriundos da escola pública (ver quadro 1, adiante, que resume os critérios de seleção da reserva de vagas), por um lado, cumpre suas metas explícitas de fomentar acesso à universidade de estudantes negros de classes sociais menos favorecidas. Por outro lado, avaliaremos se esses estudantes têm conseguido se aproveitar desta oportunidade, desempenhando escolarmente no mesmo nível de seus colegas. Aprimorando o rigor de nossa avaliação, aperfeiçoamos indicadores anteriores (Guimarães et al. 2011). Ademais, levaremos em conta o modo como tem sido feita a seleção real, com o preenchimento de 45% das vagas

pelos estudantes de melhor pontuação, que se enquadram nos critérios de beneficiamento. Ora, assim selecionados, muitos dos beneficiados, obtiveram, de fato, pontuação que os classificaria mesmo se não preenchessem estes critérios. Dividiremos, portanto, para fins da presente avaliação, os discentes em três grupos, quanto ao benefício efetivo auferido por tal política:

- *Não-beneficiários*, ou seja, estudantes que não tiveram direito às vagas destinadas para o sistema de cotas;
- *Beneficiários não-efetivos*, ou seja, estudantes que, embora tendo direito às cotas, seriam aprovados mesmo na ausência dessa política, por seu desempenho no processo seletivo;
- *Beneficiários efetivos*, ou seja, estudantes que foram aprovados apenas por que existe o sistema de cotas.

Quadro 1: UFBA, critérios de seleção com reserva de vagas

Categoria A (36,55%): candidatos de escola pública que se declararam pretos ou pardos.

Categoria B (6,45%): candidatos de escola pública de qualquer etnia ou cor.

Categoria D (2%): candidatos de escola pública que se declararam índio-descendentes.

Categoria E (55%): todos os candidatos, qualquer que seja a procedência escolar e a etnia ou cor.

6) Não sendo preenchidas todas as vagas das Categorias A e B, elas são prioritariamente preenchidas por candidatos de escola particular que se declararam pretos ou pardos (inscrição de Categoria C). Permanecendo vagas abertas, elas são preenchidas por candidatos com inscrição da Categoria E.

7) Não sendo preenchidas todas as vagas da Categoria D, elas são preenchidas por candidatos com inscrição da Categoria E.

Análise do perfil dos candidatos

Começamos por traçar o perfil dos candidatos inscritos e aprovados no vestibular, segundo as variáveis socioeconômicas disponíveis. Utilizaremos para tanto análise fatorial de correspondência múltipla. As variáveis ativas, aquelas usadas no cálculo das associações, estão descritas no anexo 2, enquanto que as variáveis ilustrativas, aquelas analisadas depois de já traçado o perfil dos estudantes, se encontram no anexo 2.

O mapa de correspondência múltipla (figura 2) apresenta dois fatores. O fator 1 (eixo horizontal ordena o perfil socioeconômico dos candidatos inscritos no vestibular, da pior para a melhor situação. Este fator condensa o conjunto das variáveis disponíveis. Já o fator 2 (eixo vertical) ordena os candidatos apenas segundo as rendas familiares, sem um ordenamento claro das demais variáveis socioeconômicas. No entanto, mediante esses dois eixos, observa-se claramente a associação, refletida em clusters, entre todas as variáveis, como renda familiar, nível de instrução dos pais, cor e escolaridade. Ou seja, os candidatos que estudaram em escola pública (seta amarela) tendem a ter uma renda familiar menor que 3 salários mínimos, pais com nível de escolaridade primária e cor preta. Enquanto que os candidatos que estudaram em escola particular (seta verde) tendem a ser mais jovens, ter pais com nível superior incompleto, renda familiar entre 5 e 10 salários mínimos e cor branca.

Como apresentado na figura 3, no 3º quadrante (valores negativos do fator1 e fator2), os piores resultados no vestibular, i.e. ser eliminado por tirar zero em alguma prova ou por obter escore abaixo da linha de corte, estão associados a candidatos beneficiários, inscritos em cursos da área de Ciências Humanas de baixa demanda. Ao contrário, no 1º quadrante encontram-se candidatos não-beneficiários, quais tendencialmente apresentam uma boa situação socioeconômica.

Coefficiente de Rendimento

O Coeficiente de rendimento (CR) foi utilizado com a finalidade de comparar o desempenho dos estudantes, segundo suas classificações: não-beneficiário, beneficiário não-efetivo e beneficiário. Padronizamos o CR subtraindo o seu valor da média e dividindo-o pelo desvio-padrão dos CR de todos os alunos que passaram no vestibular no mesmo ano, para o mesmo curso.

Como o CR utilizado nesse estudo se refere ao segundo semestre 2008, para os ingressantes no primeiro semestre de 2005, o CR foi calculado considerando as disciplinas que o estudante cursou durante 4 anos. Por outro lado, quanto ao aluno que ingressou no primeiro semestre de 2008, o CR se refere ao resultado das disciplinas que o mesmo cursou no primeiro ano. A figura 4 mostra que o CR dos estudantes não se altera muito ao longo do período de 4 anos de estudos. Além disso, verifica-se que não existe diferença significativa entre o CR

médio dos estudantes não-beneficiários e dos estudantes beneficiários não-efetivos. Porém, o CR médio dos beneficiários efetivos é em média menor que dos outros estudantes (tabela 3).

Esse resultado encontrado na análise geral também foi observado em cada área, com as seguintes exceções:

- Nos cursos de Humanas de alta demanda, nas Exatas de baixa demanda, nas Artes e nos cursos do Interior não encontramos diferença estatisticamente significativa entre as médias dos CR dos diferentes tipos de alunos;
- Nos cursos da área de Saúde de baixa demanda, nas Humanas de média e baixa demanda encontramos diferença significativa apenas entre as médias do CR dos não-beneficiários e dos beneficiários não-efetivos.

Melhoria de Desempenho

O resultado encontrado no item anterior já era esperado pela forma mesma como definimos os grupos de candidatos. Ou seja, sabendo que os beneficiários vêm de famílias em pior situação socioeconômica e educacional, e que são eles que, por definição, não alcançavam desempenho suficiente para obter classificação no exame vestibular, dificilmente poder-se-ia encontrar resultado diferente. A pergunta que devemos fazer, portanto, deve ser outra: qual o desempenho desses estudantes na universidade? Conseguem eles melhorar sua posição relativa em termos de desempenho? Neste caso, estaremos medindo não em termos absolutos, mas relativos. Um modo de fazê-lo é dividir em quintis o escore de pontos obtidos no vestibular e no CR de 2008 (o primeiro quintil representa o pior desempenho e o quinto, o melhor), e verificar como os beneficiários das cotas se movimentam entre os quintis, relativamente a beneficiários não-efetivos e não-beneficiários.

A tabela 2 foi construída selecionando cursos com mais de 25 vagas e utilizando dados de 2003 e 2008. Agrupamos os estudantes em três coortes, segundo os anos de entrada. As coortes 2003 e 2004, quando não havia o sistema de cotas, será utilizada como controle, posto que aqueles que entram nos últimos lugares encontram maior espaço à frente para progredir; as coortes 2005 e 2006 é aquela que poderá apresentar melhor progressão, posto que os estudantes

tiveram mais tempo para melhorar o CR; finalmente, as coortes 2007 e 2008, recém-admitidas e, portanto, com menos tempo para tirar a desvantagem inicial.

O desempenho do estudante na UFBA foi classificado em “Melhor”, quando o seu CR se localizava no quintil acima do seu quintil no vestibular. Por exemplo, um aluno que teve um dos piores escores no vestibular, ficou no quintil 1; entretanto, se seu CR em 2008 se localiza no quintil 3, houve melhora no seu desempenho. A mesma lógica foi utilizada para as categorias “Igual” e “Pior”.

Como se pode verificar na tabela 2, o desempenho relativo dos efetivamente beneficiários é sempre melhor ou igual que os não-beneficiários, principalmente na coorte de 2005-2006, exatamente aquela com maior tempo na universidade.

Fazendo uso novamente da análise de correspondência múltipla (ver o terceiro quadrante da figura 5), desta vez apenas os dados referentes aos aprovados, os resultados mostram que o beneficiário efetivo, apesar de estar nos últimos quintis do vestibular, tendencialmente melhora seu desempenho durante o curso (variáveis Q1_maior e Q2_maior).

Análise do 1º Quintil do Vestibular

Analisando apenas os dados dos estudantes com desempenho no 1º quintil (vestibular) utilizamos um modelo logístico, em que a variável resposta tinha como referência a categoria “Melhor”, i.e., estudantes com CR no 2º ao 5º quintil. A tabela 3 apresenta o resultado em forma de Razão de Chances (*odd ratios*), com intervalo de confiança de 95%. Com este resultado, podem-se confirmar análises descritivas apresentadas anteriormente, ou seja, a chance do beneficiário ter um desempenho em cursos na UFBA melhor que no exame vestibular é significativamente maior ou igual à chance do não-beneficiário.

No modelo geral, verifica-se que essa chance para o beneficiário não-efetivo é 2,5 vezes maior do que para o não-beneficiário. Já para o beneficiário efetivo, essa razão de chances chega a ser de quase 6 vezes maior. Realizando uma regressão logística múltipla para os cursos dos *campi* da capital (tabela 4), algumas variáveis não apresentaram associação estatisticamente significativa com melhoria do desempenho, como por exemplo, renda familiar e escolaridade de mãe. Entretanto, observando a combinação de variáveis “raça/etnia” e

“ensino médio”, que caracterizam a origem social do beneficiário, tem-se que a chance de um estudante que estudou em escola pública melhorar é maior do que a chance do aluno que estudou em escola particular (resultado significativo nos anos de 2006 e 2007). Não foram observados resultados significantes para raça/etnia isoladamente.

Análise do 2º Quintil do Vestibular

Um modelo de regressão multinomial logístico foi ajustado, por ano, sendo a variável resposta como 1 (categoria de referência) = pior (quando o quintil do CR for 1); 2=igual (quando o quintil do CR for 2); e 3=melhor (quando o quintil do CR for 3, 4 ou 5) e a variável independente sendo “situação do benefício”, com a categoria “não-beneficiário” como referência. Os coeficientes não foram significativos (para um $\alpha=5\%$), com exceção para o ano de 2006, em que:

- a chance de um beneficiário efetivo se manter no quintil 2 (em comparação a obter um resultado pior) é cerca de 1,9 vezes maior do que um não-beneficiário;
- a chance de um beneficiário efetivo de melhorar o seu CR é aproximadamente 2 vezes maior do que um não-beneficiário;
- a chance de um beneficiário não-efetivo também melhorar seu resultado é cerca de 3 vezes maior que o não-beneficiário.

Portanto, esse resultado confirma, mais uma vez, que os beneficiários não apresentaram resultado significativamente diferente dos não-beneficiários.

Região de pior pontuação

Um dos problemas de medir o desempenho relativo na universidade dos alunos que entraram com pontuação mais baixa é que eles terão, como já frisamos, um maior espaço de progressão que aqueles que passaram com maior pontuação. Pensamos então numa nova medida de desempenho baseada no conceito de Região de Pior Pontuação (RPP).

Quando o escore do vestibular é ordenado do maior para o menor, não é surpresa que os beneficiários efetivos se encontrem nas últimas posições. Essas posições formam o que denominamos de RPP (por exemplo, as 10 últimas pontuações no vestibular de um dado curso). Reordenando os CR e o percentual de beneficiários efetivos que saíram da RPP

podemos, então, medir o desempenho relativo destes beneficiários efetivos em relação aos dois outros grupos. No caso do exemplo citado, seria o percentual de beneficiários efetivos que estavam acima da 20ª posição do CR. Esse indicador também pode ser considerada como uma medida indireta da melhora de desempenho dos beneficiários dentro na universidade.

Quanto maior esse percentual, maior o indicativo de que os estudantes que passaram no vestibular por conta do sistema de cotas conseguiram acompanhar o curso junto com os demais alunos. No geral, esse percentual foi observado em torno de 50% (figura 5), sendo que para os cursos da área de Humanas de baixa demanda, esse indicador se apresentou em torno de 75% e, para os cursos de alta demanda, em torno de 40% (tabela 5).

Com a finalidade de entender melhor porque alguns beneficiários efetivos conseguiram sair da RPP e outros não, foi ajustado um modelo logístico e os resultados são mostrados na tabela 6. Observou-se que, para alguns anos, algumas categorias da variável renda familiar foram significativas, sendo que, quanto maior a renda familiar, menor a chance de sair da RPP. Além disso, estudantes do sexo feminino têm mais chance de saírem da RPP, enquanto que alunos que frequentam curso de alta demanda têm mais dificuldade. As variáveis cor e origem escolar não foram significativas.

Indicadores de Sucesso e Fracasso

Observando a situação dos estudantes no final do período analisado (ou seja, em 2008) e supondo que um indicador de sucesso seria o percentual de estudantes que concluíram o curso com êxito, verifica-se que os não-beneficiários e os beneficiários não-efetivos tiveram percentual de formandos em torno de 20%, enquanto que aproximadamente 15% dos efetivos tiveram sucesso. Além disso, em termos relativos, existem mais beneficiários efetivos ainda estudando na universidade (cerca de 10% a mais que os demais alunos, para os ingressantes em 2005 e 2006).

Entretanto, um indicador de fracasso a ser considerado é o percentual de jubilados (na regra vigente na UFBA, alunos que perderam a mesma disciplina mais de 4 vezes ou que perderam todas as disciplinas de um mesmo semestre mais que uma vez). Nesse indicador, em termos descritivos, os beneficiários apresentaram menor índice de fracasso.

Conclusões

Como esperado, os beneficiários efetivos da política de reserva de vagas da UFBA são os estudantes em pior condição socioeconômica, oriundos de famílias também em pior condição social, que acumularam uma série de desvantagens em sua formação escolar, mas que, apesar de tais barreiras, conseguiram ultrapassar tais adversidades, colocando-se como efetivos concorrentes no vestibular, ainda que ocupando suas últimas posições.

A principal conclusão desta comunicação é que, submetidos a critérios mais rigorosos e estreitos de avaliação de desempenho e de permanência, estudantes que efetivamente se beneficiaram do novo sistema de recrutamento socialmente seletivo da UFBA, a partir de 2005 (ou seja, aqueles que entraram com as menores pontuações no vestibular, em seus respectivos cursos), demonstraram que tinham condições de acompanhar tais cursos com bom rendimento e se graduar em suas respectivas áreas. Seu desempenho relativo, ainda que não o rendimento absoluto, foi, em média, semelhante àqueles que não necessitaram de um regime diferenciado de ingresso. Ou seja, os alunos cotistas demonstraram que tinham potencial efetivo para cursar o ensino superior na UFBA.

Mostramos, também, que o rendimento melhor ou pior dos beneficiários efetivos dependeu, em muito, dos cursos em que foram aceitos. Utilizando a medida mais estrita da RPP (região de pior pontuação), vimos que nos cursos de alta demanda, em que a pontuação de entrada é maior, presumivelmente indicando formação escolar de base mais sólida, os efetivamente beneficiários sentem maior dificuldade de romper esta classificação inicial, permanecendo nas posições inferiores de rendimento. Ainda assim, mais de 40% deles conseguem ultrapassar essa barreira, independentemente da área de conhecimento. Nos cursos de baixa e média demanda, no entanto, metade ou mais do alunado que entrou nas últimas posições conseguiu sair desta faixa, principalmente nos cursos da área de Humanas.

Se, entretanto, tomarmos como medida de melhora de desempenho, o quintil de rendimento mais baixo, vemos que os efetivamente beneficiados pelas cotas conseguiram superar ou igualar os não-beneficiários em termos de desempenho relativo. Ainda que com Coeficientes de Rendimento inferiores em termos absolutos, fica claro que seu desempenho relativo foi muito melhor.

Os indicadores de permanência que pudemos construir mostram também um quadro bastante realista, mas otimista. Ainda que permaneçam, em média, maior tempo na universidade para integralizar seus créditos, o que pode ser explicado por sua condição socioeconômica que os obriga a manter inserção no mercado de trabalho, os beneficiários efetivos das cotas abandonam menos os cursos para os quais foram selecionados.

Referências:

Almeida Filho, Naomar et al. *Memorial da Universidade Nova. UFBA 2002-2010*. Salvador, 2010.

ANDIFES. *Relatório de Acompanhamento do Programa de Apoio a Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (REUNI)*. Brasília: Andifes, 2010.

Cunha, Luis Antonio. *A universidade reformada: o golpe de 1964 e a modernização do ensino superior*. 2. ed. São Paulo: Editora UNESP, 2007.

Guimarães, A.S., Costa, L. e Almeida Filho, N. “Inclusão social nas universidades brasileiras: o caso da UFBA” In: *As cores da desigualdade*. 1 ed. Belo Horizonte : Fino Traço, 2011, v.1,p. 19-41.

Machado, Elielma e Silva, Fernando. “Ações afirmativas nas universidades públicas: o que dizem os editais e manuais” in Angela R. Paiva (org.) *Entre dados e fatos: Ação afirmativa nas universidades públicas brasileiras*, Ed. Puc e Ed. Pallas, 2010, pp. 19-58.

Teixeira, Anísio. *Ensino superior no Brasil: análise e interpretação de sua evolução até 1969*. 3. ed. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2005.

Figuras:

Figura 1 – Evolução do número de vagas oferecidas pela UFBA, 1946-2010

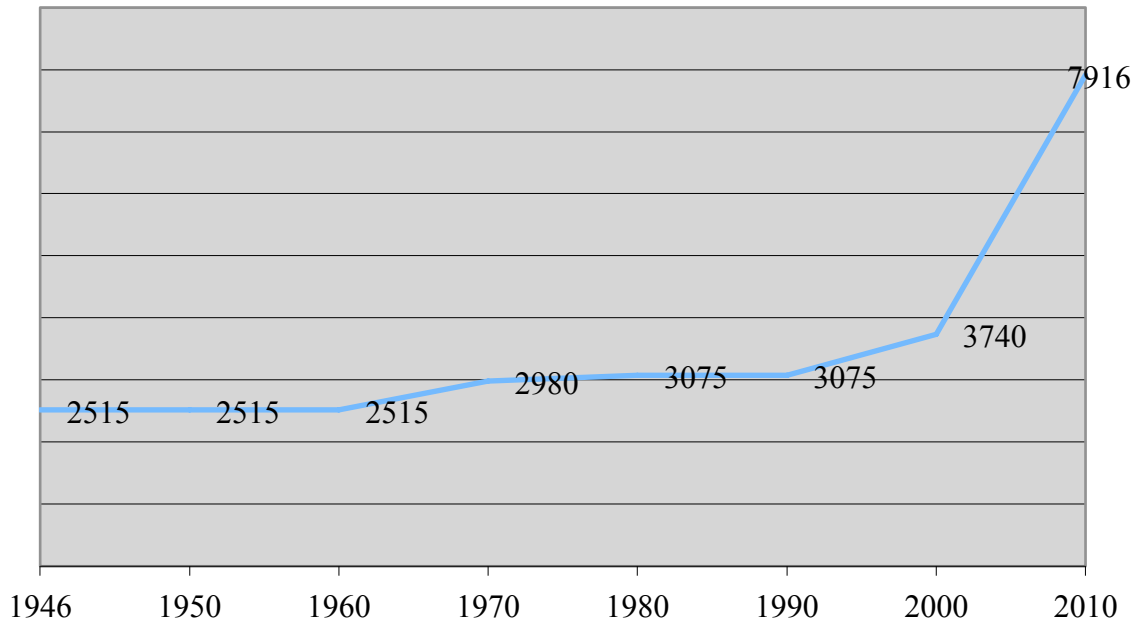


Figura 2 - Mapa de Correspondência Múltipla para Candidatos ao Vestibular da UFBA – 2005 a 2008

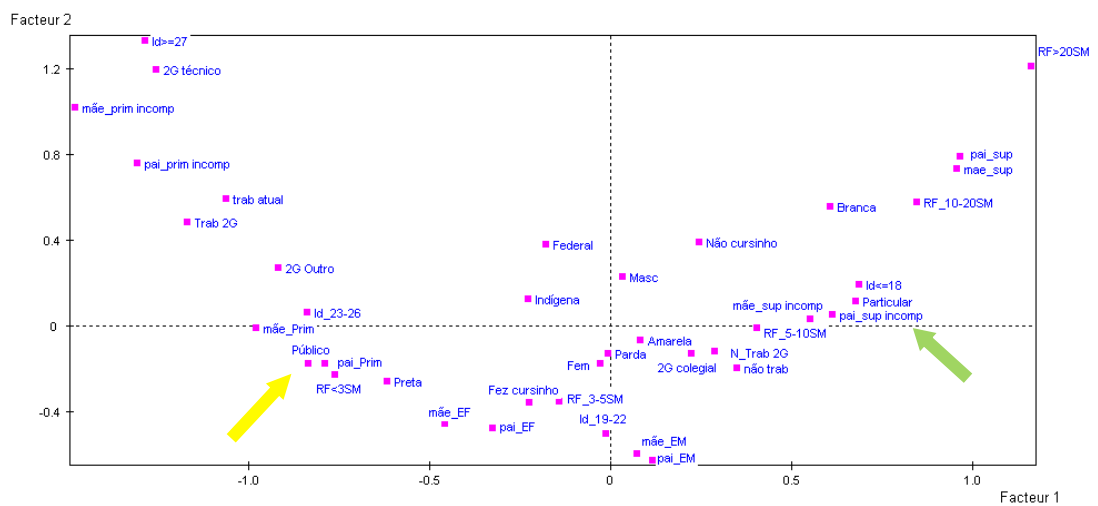


Figura 5 - Mapa de Correspondência Múltipla para estudantes da UFBA com variáveis ativas (em azul) e ilustrativas (em vermelho) – 2005 a 2008

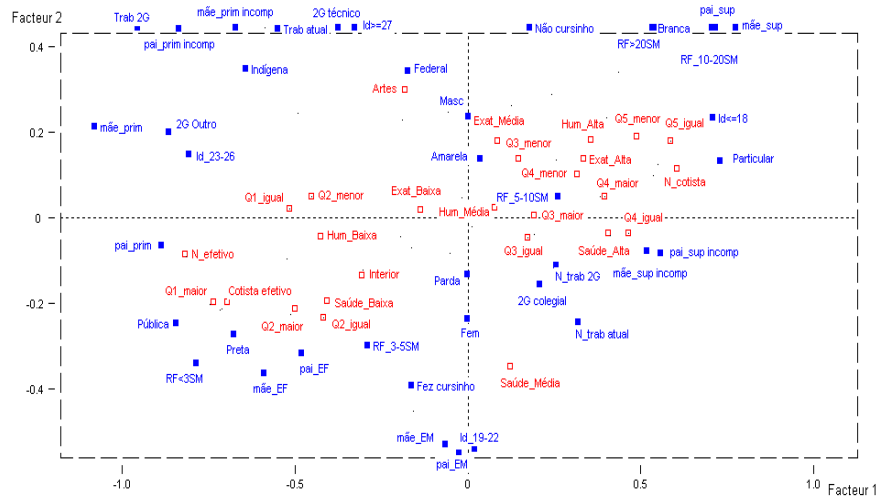


Figura 6 – Percentual de Beneficiários que saíram da RPP por ano.

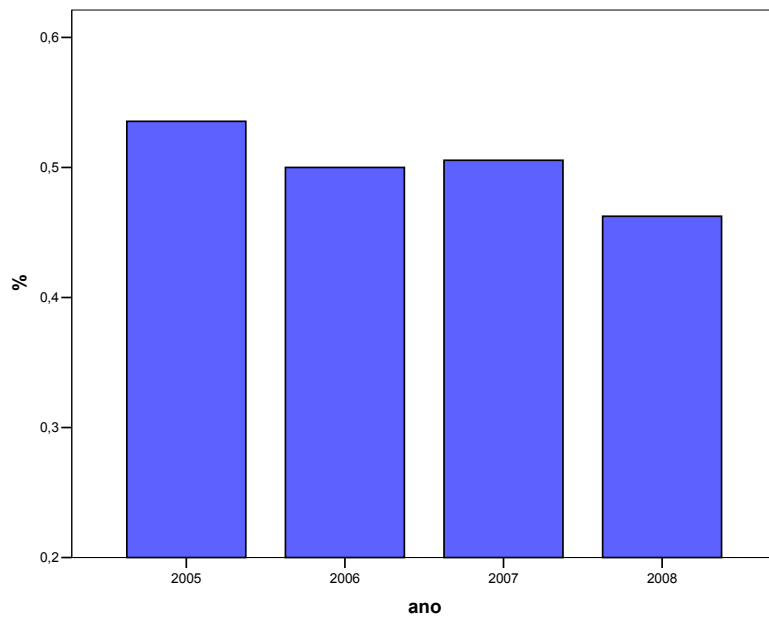


Figura 7 – Situação em 2008 dos ingressantes de 2005 a 2008.

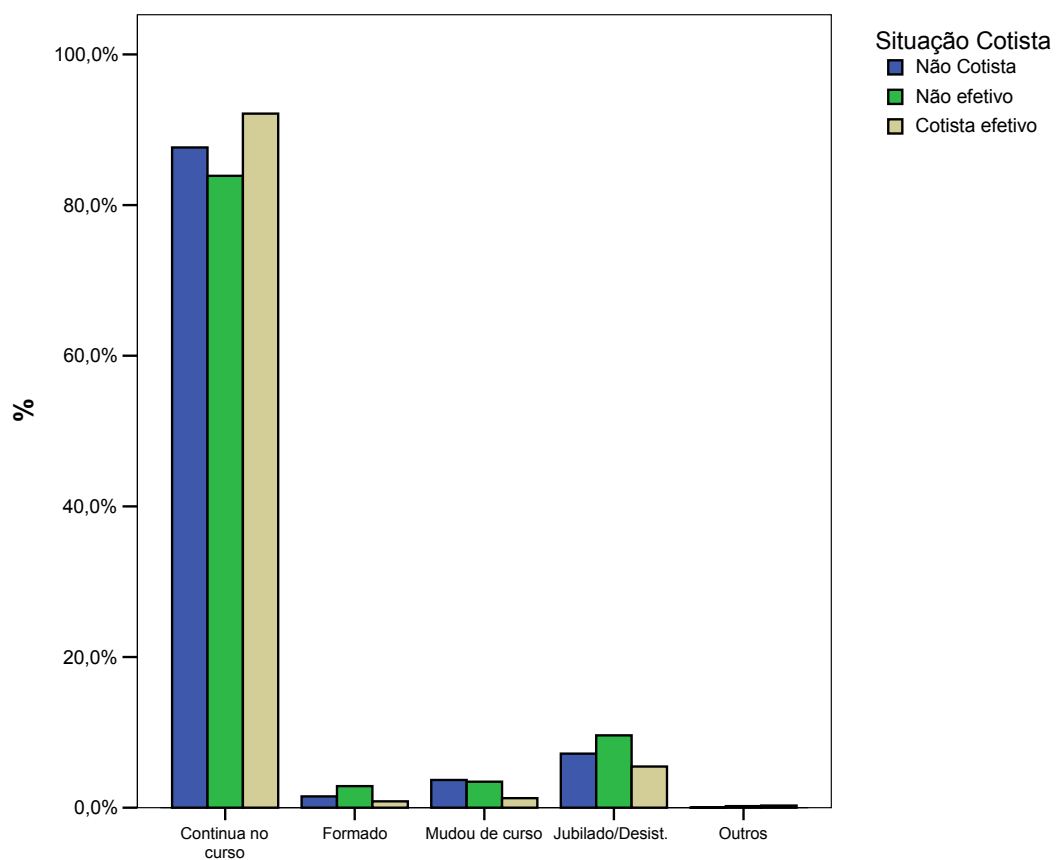
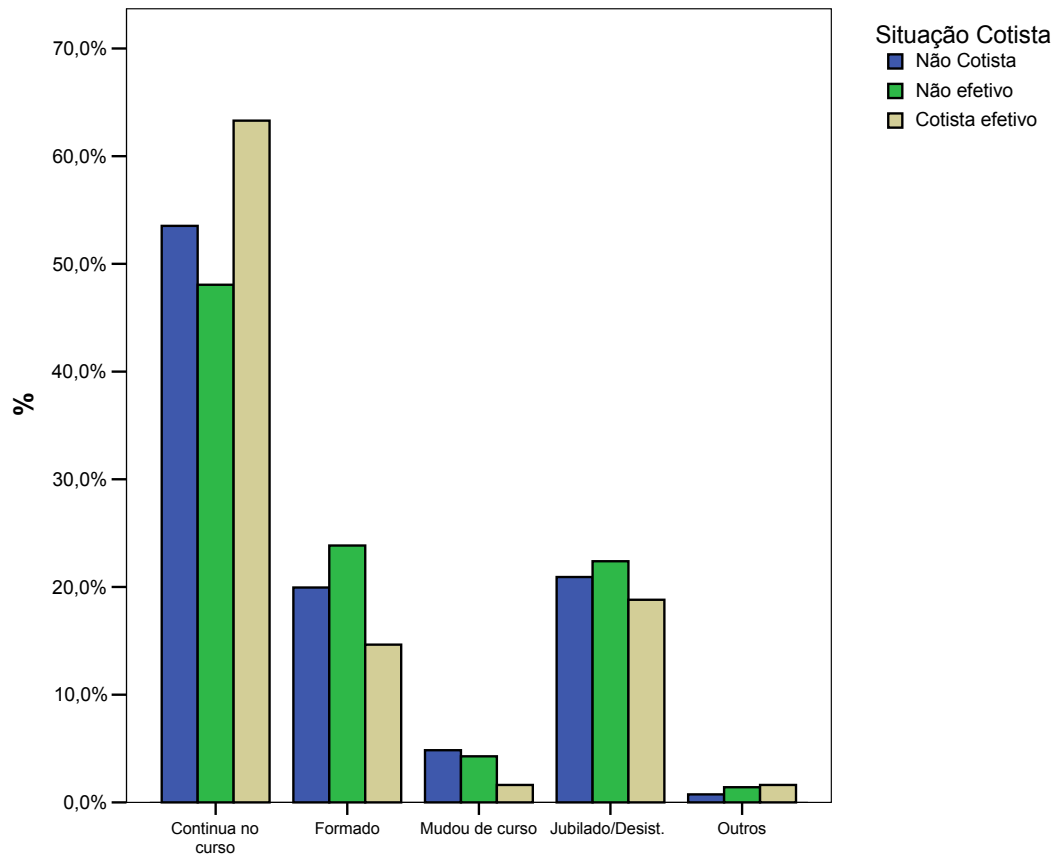


Figura 8 – Situação em 2011 dos ingressantes de 2005 a 2008.



Tabelas

Tabela 1 – Coeficiente de Rendimento por Situação Beneficiário.

	Não beneficiário	Não efetivo	Beneficiário efetivo	Geral
No. de alunos	8.658	2.878	3.508	15.044
Média	0,09	0,12	-0,25	0,00
IC95% para média	[0,068; 0,109]	[0,085; 0,153]	[-0,279; 0,214]	- [-0,016; 0,016]
Mediana	0,39	0,37	-0,01	0,29
Desvio padrão	0,990	0,925	0,984	0,992
Mínimo	-5,21	-4,92	-6,63	-6,63
Máximo	2,74	2,14	1,74	2,74

Tabela 2 – Resultado do desempenho relativo dos estudantes da UFBA por quintil do vestibular e por situação em relação às cotas – 2003 a 2008.

Quintil Vestibular	Situação	2003-2004		2005-2006			2007-2008								
				Não-beneficiário	Beneficiário não-efetivo	Beneficiário efetivo	Não-beneficiário	Beneficiário não-efetivo	Beneficiário efetivo						
1	Igual	358	24,3%	172	56,0%	9	12,7%	173	27,4%	26	28,0%	16	15,2%	285	28,5%
	Melhor	1114	75,7%	135	44,0%	62	87,3%	459	72,6%	67	72,0%	89	84,8%	714	71,5%
2	Pior	322	21,7%	79	22,5%	58	14,6%	148	18,7%	66	21,0%	58	16,9%	223	25,8%
	Igual	324	21,8%	96	27,4%	85	21,4%	227	28,7%	80	25,4%	70	20,4%	237	27,4%
	Melhor	838	56,5%	176	50,1%	255	64,1%	417	52,7%	169	53,7%	215	62,7%	406	46,9%
3	Pior	583	39,5%	393	38,9%	131	32,1%	56	41,8%	398	35,1%	110	30,3%	12	30,0%
	Igual	319	21,6%	235	23,3%	95	23,3%	28	20,9%	251	22,1%	89	24,5%	13	32,5%
	Melhor	575	38,9%	382	37,8%	182	44,6%	50	37,3%	486	42,8%	164	45,2%	15	37,5%
4	Pior	848	57,1%	620	50,6%	177	52,7%	1	100%	624	48,8%	129	51,4%	5	62,5%
	Igual	312	21,0%	304	24,8%	78	23,2%	0	0,0%	331	25,9%	49	19,5%	2	25,0%
	Melhor	324	21,8%	301	24,6%	81	24,1%	0	0,0%	325	25,4%	73	29,1%	1	12,5%
5	Pior	962	64,2%	811	60,7%	165	63,0%	0		887	63,6%	121	65,4%	0	
	Igual	537	35,8%	524	39,3%	97	37,0%	0		507	36,4%	64	34,6%	0	

Tabela 3 – Resultado do desempenho dos estudantes da UFBA por quintil do vestibular e por situação beneficiário – 2003 a 2008.

Modelo	Situação Beneficiário	RC	IC (95%)		P_valor
			LI	LS	
	Não-efetivo	5,9	3,71	9,44	0,000
	Beneficiário efetivo	2,5	2,01	3,14	0,000
2005	Não beneficiário	1			
	Não efetivo	3,4	1,18	9,95	0,024
	Beneficiário efetivo	0,9	0,52	1,57	0,708
2006	Não beneficiário	1			
	Não efetivo	11,2	3,81	33,20	0,000
	Beneficiário efetivo	7,3	4,95	10,86	0,000
2007	Não beneficiário	1			
	Não efetivo	2,4	0,96	5,86	0,062
	Beneficiário efetivo	1,7	0,87	3,17	0,128
2008	Não beneficiário	1			
	Não efetivo	2,2	0,71	7,14	0,169
	Beneficiário efetivo	0,6	0,27	1,16	0,118

Tabela 4 – Razões de Chances estimadas por regressão logística para a probabilidade de “Melhoria”.

Todos os Cursos		Sem A.A.		Com A.A.			
		2003	2004	2005	2006	2007	2008
Renda Familiar	Até 3 sm	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	de 3 a 5 sm	1,04	0,56*	1,38	1,04	0,45***	1,43
	de 5 a 10 sm	0,87	0,69	0,94	0,77	0,72	1,03
	de 10 a 30 sm	0,73	0,67	0,83	0,38**	0,38**	0,5
	mais que 20 sm	0,6	0,42**	0,96	0,76	0,65	1,32
Escolaridade da Mãe	Até 5a completo	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	Ensino Fundamental completo	0,23**	0,52	0,89	0,66	1,3	0,81
	Ensino Médio Completo	0,22**	0,66	0,7	0,64	1,01	1,69**
	Ensino Superior Completo	0,16**	0,64	0,56*	0,66	0,59	1,29
Raça e Ensino Médio	Branco e Rede Privada	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	Branco e Rede Pública	0,67	0,41**	1,8	3,53**	5,65*	0,67
	Negro e Rede Privada	0,78	0,83	1,41	1,36	2,27	0,44
	Negro e Rede Pública	0,93	0,91	1,52	3,6***	5,89*	0,85
Escola no Ensino Médio	Escola Comum	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	Escola Técnica	0,87	1,44	0,83	0,98	0,55**	1,05
	Outras	0,49*	0,8	0,65*	0,81	1,07	1,9*
Frequentou cursinho?	Não	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	Sim	1,58*	1,13	1,23	1,54**	1,41	1,35
Sexo	Masculino	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	Feminino	0,98	1,88**	1,38*	1,43**	1,34	1,54**
Candidato trabalha?	Não	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	Sim	0,91	1,03	1,01	0,95	1,02	0,57**
Demanda	Média	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00	1,00
	Alta	0,53**	0,6**	0,52**	0,49***	0,56**	0,51**
	Baixa	0,8	0,65	0,93	1,35	1,63	1,47

* Valor de P menor que 10%; ** Valor de P menor que 5%; *** Valor de P menor que 1%

Tabela 5 – Percentual de beneficiários efetivos que saíram da RPP por área – 2005 a 2008.

Área	2005		2006		2007		2008		Geral	
	No. de Benef efetivos	% que saíram da RPP	No. de Benefic efetivos	% que saíram da RPP	No. de Benefic efetivos	% que saíram da RPP	No. de Benef efetivos	% que saíram da RPP	No. de Benefic efetivos	% que saíram da RPP
Exatas - Alta	94	44,7%	116	39,7%	112	45,5%	124	37,1%	446	41,5%
Exatas - Média	89	51,7%	141	51,8%	142	57,7%	136	55,9%	508	54,5%
Exatas - Baixa	0	---	21	61,9%	15	73,3%	21	57,1%	57	63,2%
Saúde - Alta	53	45,3%	57	38,6%	59	37,3%	54	31,5%	223	38,1%
Saúde - Média	162	51,2%	241	46,1%	230	46,5%	216	41,7%	849	46,1%
Saúde - Baixa	19	84,2%	25	56,0%	19	15,8%	12	33,3%	75	49,3%
Humanas - Alta	94	45,7%	113	38,1%	119	36,1%	124	37,9%	450	39,1%
Humanas - Média	90	60,0%	141	58,9%	145	49,0%	148	44,6%	524	52,3%
Humanas - Baixa	26	84,6%	62	79,0%	89	77,5%	84	66,7%	261	75,1%
Artes	21	81,0%	31	64,5%	24	66,7%	12	91,7%	88	72,7%
Interior	0	---	0	---	41	68,3%	29	65,5%	70	67,1%

Tabela 6 – Razões de Chances estimadas mediante regressão logística para a probabilidade de beneficiários efetivos saírem da RPP.

Todos os Cursos		Com A.A.			
		2005	2006	2007	2008
Renda Familiar	Até 3 sm	1,00	1,00	1,00	1,00
	de 3 a 5 sm	1,23	0,67**	0,78	0,9
	de 5 a 10 sm	1,18	0,55**	0,74	0,68
	de 10 a 30 sm	0,85	0,69	0,47**	0,28**
	mais que 20 sm	3,02	0,79	0,4	0,96
Escolaridade da Mãe	Até 5a completo	1,00	1,00	1,00	1,00
	Ensino Fundamental completo	1,00	0,9	1,07	0,93
	Ensino Médio Completo	0,97	0,86	1,04	1,23
	Ensino Superior Completo	0,63	0,77	0,73	1,56
Raça e Ensino Médio	Branco e Rede Pública	1,00	1,00	1,00	1,00
	Negro e Rede Privada	0,26			0
	Negro e Rede Pública	1,13	1,08	0,6**	0,95
Escola no Ensino Médio	Escola Comum	1,00	1,00	1,00	1,00
	Escola Técnica	0,82	0,72	0,89	1,08
	Outras	0,58*	1,57*	1,11	1,27
Frequentou cursinho?	Não	1,00	1,00	1,00	1,00
	Sim	1,74**	1,02	0,94	0,88
Sexo	Masculino	1,00	1,00	1,00	1,00
	Feminino	1,79**	1,47**	1,37**	1,32*
Candidato trabalha?	Não	1,00	1,00	1,00	1,00
	Sim	0,99	1,09	0,81	0,75
Demanda	Média	1,00	1,00	1,00	1,00
	Alta	0,65*	0,61**	0,48***	0,45***
	Baixa	3,69**	0,94	0,89	0,64

Tabela 7 – Situação dos estudantes em 2008, por ano de ingresso - 2005 a 2008.

Ano de Ingresso	Estudante	Continua no curso	Formado	Mudou de curso	Jubilado/ Desist.	Outros	Total
2005	Não Beneficiário	1534 74,0%	122 05,9%	91 04,4%	325 15,7%	1 00,0%	2073 100,0%
	Não efetivo	616 69,4%	73 08,2%	45 05,1%	149 16,8%	4 00,5%	887 100,0%
	Beneficiário efetivo	512 79,0%	26 04,0%	13 02,0%	89 13,7%	8 01,2%	648 100,0%
	Total	2662 73,8%	221 06,1%	149 04,1%	563 15,6%	13 00,4%	3608 100,0%
2006	Não Beneficiário	1872 79,8%	8 00,3%	229 09,8%	236 10,1%	0 00,0%	2345 100,0%
	Não efetivo	509 76,3%	7 01,0%	55 08,2%	96 14,4%	0 00,0%	667 100,0%
	Beneficiário efetivo	828 87,3%	3 00,3%	30 03,2%	86 09,1%	1 00,1%	948 100,0%
	Total	3209 81,0%	18 00,5%	314 07,9%	418 10,6%	1 00,0%	3960 100,0%
2007	Não Beneficiário	2138 97,0%	0 00,0%	5 00,2%	62 02,8%	0 00,0%	2205 100,0%
	Não efetivo	648 95,6%	3 00,4%	0 00,0%	27 04,0%	0 00,0%	678 100,0%
	Beneficiário efetivo	974 97,9%	1 00,1%	2 00,2%	17 01,7%	1 00,1%	995 100,0%
	Total	3760 97,0%	4 00,1%	7 00,2%	106 02,7%	1 00,0%	3878 100,0%
2008	Não Beneficiário	2210 99,4%	2 00,1%	0 00,0%	12 00,5%	0 00,0%	2224 100,0%
	Não efetivo	663 98,7%	0 00,0%	0 00,0%	7 01,0%	2 00,3%	672 100,0%
	Beneficiário efetivo	958 99,8%	0 00,0%	0 00,0%	2 00,2%	0 00,0%	960 100,0%
	Total	3831 99,4%	2 00,1%	0 00,0%	21 00,5%	2 00,1%	3856 100,0%

Tabela 8 – Situação dos estudantes em 2011, por ano de ingresso - 2005 a 2008.

Ano de Ingresso	Estudante	Continua no curso	Formado	Mudou de curso	Jubilado/ Desist.	Outros	Total
2005	Não Beneficiário	393 25,4%	691 44,6%	62 04,0%	401 25,9%	3 00,2%	1550 100,0%
	Não efetivo	154 23,9%	279 43,3%	25 03,9%	184 28,5%	3 00,5%	645 100,0%
	Beneficiário efetivo	170 35,3%	179 37,2%	3 00,6%	119 24,7%	10 02,1%	481 100,0%
	Total	717 26,8%	1149 42,9%	90 03,4%	704 26,3%	16 00,6%	2676 100,0%
2006	Não Beneficiário	702 37,9%	502 27,1%	228 12,3%	408 22,0%	12 00,6%	1852 100,0%
	Não efetivo	149 28,1%	186 35,1%	57 10,8%	132 24,9%	6 01,1%	530 100,0%
	Beneficiário efetivo	411 51,9%	167 21,1%	30 03,8%	170 21,5%	14 01,8%	792 100,0%
	Total	1262 39,8%	855 26,9%	315 09,9%	710 22,4%	32 01,0%	3174 100,0%
2007	Não Beneficiário	1054 69,8%	115 07,6%	14 00,9%	316 20,9%	11 00,7%	1510 100,0%
	Não efetivo	323 68,1%	58 12,2%	4 00,8%	82 17,3%	7 01,5%	474 100,0%
	Beneficiário efetivo	465 72,4%	33 05,1%	5 00,8%	127 19,8%	12 01,9%	642 100,0%
	Total	1842 70,1%	206 07,8%	23 00,9%	525 20,0%	30 01,1%	2626 100,0%
		82,2%	00,4%	00,9%	15,1%	01,4%	100,0%
	Não efetivo	430 78,5%	1 00,2%	8 01,5%	94 17,2%	15 02,7%	548 100,0%
	Beneficiário efetivo	596 87,8%	1 00,1%	4 00,6%	72 10,6%	6 00,9%	679 100,0%
	Total	2402 82,8%	8 00,3%	27 00,9%	419 14,4%	44 01,5%	2900 100,0%

Anexos

Anexo 1

Os cursos da Universidade Federal da Bahia foram classificados em 11 categorias, de acordo com a concorrência e o desempenho dos candidatos no vestibular, como descrito a seguir:

- **Exata-Alta:** Ciência Da Computação, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, Engenharia Química E Engenharia Sanitária E Ambiental;
- **Exata-Média:** Arquitetura E Urbanismo, Engenharia Civil, Engenharia De Minas, Física (Licença E Bacharelado), Física Noturno (Licenciatura), Geofísica, Matemática (Licenc. E Bacharelado) E Química (Lic,Bac. E Química Industrial);
- **Exata-Baixa:** Engenharia De Pesca, Engenharia Florestal, Estatística (Bacharelado) E Geologia;
- **Saúde-Alta:** Medicina;
- **Saúde-Média:** Ciências Biológicas (Lic. E Bac.), Enfermagem, Farmácia, Fonoaudióloga, Medicina Veterinária, Nutrição, Oceanografia¹, Odontologia;
- **Saúde-Baixa:** Agronomia,Licenc. Em Ciências Naturais E Zootecnia;
- **Humanas-Alta:** Comunicação – Jornalismo, Direito E Psicologia (Licenc. E Bacharelado);
- **Humanas-Média:** Administração, Comunicação-Prod. Comun. E Cultura, Educação Física (Licenciatura) E História (Lic. E Bacharelado);
- **Humanas-Baixa:** Arquivologia, Biblioteconomia E Documentação, Ciências Contábeis, Ciências Econômicas, Ciências Sociais (Lic. E Bac.), Filosofia (Lic. E Bacharelado), Geografia (Lic.) Noturno, Geografia (Licenc. E Bacharelado), Letras Vernáculas (Lic. E Bach.), Letras Vernáculas Ling.Estr.(Lic.), Língua Estrangeira (Lic. E Bac.), Museologia, Pedagogia, Secretariado Executivo;
- **Artes:** Artes Cênicas - Interpretação Teatral, Artes Cênicas- Direção Teatral, Artes Plásticas, Canto, Composição E Regência, Curso Superior De Decoração, Dança, Desenho E Plástica (Licenciatura), Desenho Industrial (Prog. Visual), Design, Instrumento, Licenciatura Em Teatro E Música (Licenciatura);
- **Interior:** Administração – Barreiras, Bach. Em Ciências Exatas (Noturno) - Cruz Das Almas, Bacharelado Em Ciências Exatas - Cruz Das Almas, Biologia (Bacharelado) - Cruz Almas, Biologia (Licenciatura - Noturno) - Cruz Das Almas, Ciências Biológicas- Cruz Almas, Ciências Biológicas – Barreiras, Ciências Sociais – Cachoeira, Comunicação – Cachoeira, Enfermagem - Sto. Antonio De Jesus, Enfermagem - Vit. Da Conquista, Engenharia Sanitária E Ambiental – Barreiras, Engenharia Sanitária E Ambiental - Cruz Almas, Farmácia - Vit. Da Conquista, Filosofia (Licenciatura - Noturno) – Amargosa, Física- Amargosa, Física (Licenciatura Noturno) – Amargosa, Geografia - Barreiras, Geologia – Barreiras, História - Cachoeira, História Lic. (Noturno) – Cachoeira, Matemática - Amargosa, Matemática (Lic. Noturno) – Amargosa, Medicina Veterinária - Cruz Das Almas, Museologia – Cachoeira, Nutrição - Sto. Antonio De Jesus, Nutrição - Vit. Da Conquista, Pedagogia – Amargosa, Pedagogia (Noturno) – Amargosa, Psicologia - Formação De Psicólogo - Sto. Antonio De Jesus, Química – Barreiras, Serviço Social – Cachoeira, Tecnol. Em Gestão De Cooperativas (Noturno) - Cruz Das Almas, Vídeo E Cine Documentário – Cachoeira.

¹ Apesar de Oceanografia, assim como Agronomia, serem cursos da Área 1 (Exatas), para efeito do vestibular elas foram classificadas na Área II (Saúde) porque as disciplinas testadas no vestibular são as mesmas desta área. Mantivemos esta classificação neste estudo.

Anexo 2 – Descrição das variáveis ativas na análise de correspondência múltipla.

Variáveis	Categorias
Cor/Raça	Branca
	Parda
	Preta
	Amarela
	Indígena
Sexo	Feminino
	Masculino
Tipo de 2o. Grau	Outro
	Técnico
	Colegial
Cursinho	Não fez
	Fez
Trabalhou durante o 2o. Grau	Sim
	Não
Rede de ensino	Pública
	Federal
	Particular
Trabalha	Sim
	Não
Educação do pai ou da mãe	primário incompleto
	Primário
	Ensino fundamental
	Ensino médio
	Superior incompleto
	Superior
Renda Familiar	< 3 SM
	3-5SM
	5-10SM
	10-20SM
	>20SM
Idade	<=18
	19-22
	23-26
	>=27

Anexo 3 – Descrição das variáveis ilustrativas na análise de correspondência múltipla.

Variáveis	Categorias
Resultado no Vestibular	Ausente em alguma prova da 1ª fase
	Ausente em alguma prova da 2ª fase
	Eliminado escore abaixo do ponto de corte
	Eliminado por zero na 1ª fase
	Eliminado por zero na 2ª fase
	Não classif. por falta de vagas na 1ª fase
	Não selecionado por falta de vagas
	Selecionado
Situação Candidato	Não Beneficiário
	Beneficiário
Área e Concorrência	Exata_Alta
	Exata_Média
	Exata_Baixa
	Saúde_Alta
	Saúde_Média
	Saúde_Baixa
	Humana_Alta
	Humana_Média
	Humana_Baixa
	Artes
	Interior